

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

1. ANABELA BRITO FREITAS (EX-MIMOSO), IPLUSO CEI-EF ULHT, ESCRITORA, AICL, CONVIDADA DE HONRA 2024



38° Ribeira Grande 2023



39° STA Mª 2024



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)

**Anabela Brito de Freitas** (ex-Mimoso) nasceu em Lisboa, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também obteve os graus de mestre e de doutora em Cultura.

É docente no IPLUSO (Lisboa - Grupo Lusófona), foi investigadora do Cei-EF da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia onde terminou um projeto financiado pela FCT, no campo do associativismo docente.

Tem também desenvolvido estudos na área da literatura, sobretudo da tradicional e da literatura infantil, bem como da história do pensamento pedagógico e da história do corpo.

Publicou ainda, sobre essas mesmas temáticas, vários artigos em revistas e capítulos de obras.

Faz regularmente comunicações em congressos, nacionais e internacionais e conferências,

Tem uma vasta obra escrita desde a literatura infantojuvenil à literatura tradicional

**(Contos tradicionais do povo açoriano de Teófilo Braga: introdução, seleção e notas)**

**Estudos sobre a Geração de 70 (S. Cristóvão de Eça de Queirós – introdução),**

Inúmeros artigos de revistas,

Participação em congressos nacionais e internacionais, conferências, manuais para o ensino da Língua Portuguesa 2º e 3º ciclos, e literatura infantojuvenil:

**História de um rio contada por um castanheiro (Porto, 1986);**

**Era um azul tão verde... (Porto Ed., 1993);**

**O Tesouro Da Moura (Porto Ed., 1994);**



10º Bragança 2008

11º LAGOA 2009

13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



01/02/2007

01/02/2007

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

EBI MAIA (11º LAGOA) 2009

11º LAGOA) 2009



13º BRASIL 2010 (BRASÍLIA)

13º BRASIL 2010 (RIO)



8º BRAGANÇA 2007

8º BRAGANÇA 2007



38º Ribeira Grande 2023

D. Bruxa Gorducha (Porto Editora, 1995 e Gailivro, 2006);  
O último período (Âmbar, 2002);  
Um sonho à procura de uma bailarina (Âmbar, 2002);  
Parabéns, caloira! (Âmbar, 2003);  
Quando nos matam os sonhos (Âmbar, 2005);  
O Tesouro do Castelo do Rei (Âmbar, 2006);  
Foz Côa: entre céu e rio (Gailivro, 2007);  
Traz os olhos cheios de palavras (Âmbar, 2007);  
A vida pela metade (Gailivro, 2007);  
O cavalo negro (Câmara M. de Gaia, 2008);  
As férias do caracol (Novagaia, 2009), entre outros em coautoria.  
Aquela palavra mar (Calendário, 2010)  
Contos Tradicionais Açorianos De Teófilo Braga (Calendário de Letras 2010),  
Búzios (infantojuvenil, Calendário de Letras, 2011)  
Viver sempre também cansa - Prémio Florbela Espanca 2017

APRESENTOU " Santa Maria vista ao *Espelho (Cristalino)* Anabela B. Freitas, IPLUSO

Frei Diogo das Chagas, vigário provincial dos franciscanos nos Açores, não nasceu em Santa Maria - era florentino. Mas a sua obra, *Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores*, redigida em meados do séc. XVII, no contexto da Restauração, constitui uma certidão de nascimento, o mais cristalina possível à luz dos recursos da época, de todas as ilhas açorianas e, logo, também da de Santa Maria. Para entendermos este *Espelho*, para percebermos as intenções do autor e avaliarmos devidamente o seu conteúdo, será necessário começar por explicar a sua génese, a razão do estranho título, para depois, e só depois, procedermos à análise da parte do livro dedicado ao descobrimento e povoamento (e povoadores) da primeira ilha do arquipélago. Na verdade, a obra não se limita a registar dados históricos, mas também casos, eventos anedóticos, hagiográficos - as flores - alguns também proféticos, que nos ajudam a perceber, não só a mentalidade da época, mas um pouco da alma insular e mariana.

## 1. O Autor

Frei Diogo das Chagas nasceu na ilha das Flores, por volta de 1584. Ingressou na Ordem franciscana e em 1646 era eleito vigário provincial dos franciscanos nos Açores. Adversário feroz do domínio castelhano, escreveu uma *Relação do que aconteceu na Cidade de Angra da ilha Terceira, depois da feliz aclamação d'el-rei que Deus guarde...* Será também autor da *Fundação da Província de São João Evangelista*, manuscrito hoje perdido. Escreveu ainda a *Meditação da luta do Diabo com Adam, pelo qual sahio Jesus Christo a lutar com o Diabo, da Consolação da pobreza, e remedio para qualquer muito pobre ser muito rico e De como se busca e acha a bemaventurança.*

## 2. A obra

Não terá sido por acaso que Frei Diogo das Chagas escreveu este *Espelho* dedicado às ilhas açorianas. Sendo franciscano e açoriano, ousamos dizer que seria quase uma vocação falar da descoberta e povoamento dos Açores. Sabemos que o franciscanismo enformou o pensamento ideológico da época dos Descobrimentos.

Como diz Jaime Cortesão: «o que verdadeiramente caracterizou a Baixa Idade Média em Portugal foi o advento da Ordem de S. Francisco e a sua fulminante expansão no país desde meados do século XIII e, com ela, um conjunto de novos valores sociais, morais e espirituais, a que conveio chamar-se *franciscanismo*» (p. 151). Nos séculos XIV e XV e primeira metade do XVI, o culto do Espírito Santo, que caracterizou o misticismo dos *espirituais* espalhou-se por África, Índia, mas sobretudo pelos arquipélagos da Madeira e Açores e daí para o Brasil e a América.

Significa isto que o ponto máximo do culto do Espírito Santo coincide com a Expansão Portuguesa e, logo, com a missão nacional de propagar a fé pelo mundo. Aliás, em meados do séc. XV, o culto do Espírito Santo, sob a forma de Império, constitui uma crença quase exclusiva, de tal maneira que Jaime Cortesão lhe chama a época do *Pentecostes*.

Os franciscanos iriam acompanhar a exploração do Oriente nos sécs. XIII a XIV, a do norte de África e depois os primeiros colonizadores dos Açores, Madeira e Cabo Verde. Continuariam no

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

século seguinte a sua missão evangelizadora no resto de África e na Índia. É um franciscano, Frei Henrique de Coimbra que, em 1500, reza a primeira missa no Brasil.

Toda a mística dos Descobrimentos será um efeito do pensamento franciscano.

A São Francisco de Assis e ao franciscanismo «se deve a conciliação entre os dois conceitos - síntese do espírito que dilatou o cristianismo à Natureza e libertou os povos do Ocidente do entrave que os impedia de se alargar sobre o mundo.» (Cortêsão: 63).

O *Cântico ao Sol* de S. Francisco é uma das primeiras obras a revelar o amor pela Natureza, alheia ao espírito medieval.

«Aproximando o homem da Natureza e substituindo um ideal contemplativo e de aspirações extraterrenas por um cristianismo amorável, comunicativo e pragmático, o franciscanismo dissipou a sombra de maldição e terror que pesava sobre a vida e sobre a Terra e abriu o caminho à marcha do homem no planeta», diz-nos J. Cortêsão (p. 70).

Foi este culto da natureza, que povoou o imaginário do final da Idade Média e que se prolongará pelos séculos seguintes, que veio também povoar o imaginário literário medieval e moderno de *jardins, hortos, florestas, silvas e flores*.

### 2. 1. O título

Concomitantemente, desde os finais da Idade Média, as ordens mendicantes, nomeadamente os franciscanos, cada vez sentiam mais uma crescente necessidade de reforma da vida moral e espiritual de religiosos e leigos.

Proliferam assim as obras de cariz doutrinário e espiritual que pretendem combater a ignorância, através de conselhos que visam as práticas religiosas dos cristãos. M. de Lourdes Fernandes esclarece-nos sobre este aspeto: «Muitas dessas obras adotaram, significativamente, o título de *Espelhos*, continuando um gosto e uma tradição clássica e medieval» (1995: 32). Na verdade, a palavra “espelho” significa na Idade Média, período marcado pelo pensamento platónico, onde a visão é um modo de acesso ao conhecimento, significa, dizíamos, um reflexo da revelação divina.

Assim, quer o *Speculum Vitae Humanae*, editado pela primeira vez em Roma, em 1468, e que é traduzido para castelhano por Rodrigo Sánchez de Arévalo e publicado em Saragoça (*Espejo de la Vida Humana*), provavelmente em 1481, quer o *Espejo de la Consciencia* de Frei Juan Viñones, em Salamanca, em 1498, tiveram muitas edições ao longo do séc. XVI. São, portanto, obras destinadas ao aperfeiçoamento da vida humana, orientadora das consciências.

Um outro tipo de *Espelhos*, estes destinados *ad usum delphini*, é o *Espelho de príncipes*, subgénero literário que pretende refletir a imagem, a descrição do príncipe (ou princesa) perfeito, o comportamento, o papel e sua ação no mundo. Estes *Espelhos* tinham, pois, uma função didática: serviam como exemplos para orientar príncipes e princesas na sua relação com os outros e com Deus.

Não é de admirar que Frei Álvaro de Pais, que escreveu o *Speculum regis* em Tavira, entre 1341 e 1344, fosse frade franciscano muito próximo dos espirituais.

Obra de grande sucesso foi a de Francisco de Monzón, que escreveria em 1544, o *Espejo del Principe Christiano* e um *Espejo de la Princesa Christiana* que deixaria inédito. D. Isabel, mulher de Afonso V, manda traduzir o *Livro das Três Virtudes* de Cristina de Pisano, sintomaticamente, com o título *Espelho de Cristina* (1518).

Ora este *Espelho* de Frei Diogo das Chagas terá também um objetivo didático e que será, não só para criar uma consciência histórica, uma memória, hoje diríamos uma identidade, nas populações insulares, mas também para lembrar ditos, feitos, desastres, gentes que se notabilizaram durante os dois séculos que a obra reporta. Teria ainda a função de servir de exemplo para os vindouros, no que se não fastia muito do *Espelho* que ora abordamos aqui.

E *Cristalino* porquê?

Creemos que a preocupação que Frei Diogo tem para com a verdade, a autenticidade, enfim, a possível na época, o fez acrescentar o adjetivo.

De facto, amiudadas vezes, ao longo da obra, ele afiança e dá vários garantias da sua fiabilidade.

Quanto ao resto do título, *jardim de várias flores*, lembramos que as metáforas naturalistas são muito comuns ainda na literatura medieval. Veja-se o caso dos dois livros mais significativos desta época: *Orto do Esposo* e do *Bosco Deleitoso*, ambas as obras datadas dos finais do séc. XIV, inícios do séc. XV.

Entre essas designações metafóricas surge ainda a de *jardim* que tem raízes bem antigas e continua a ser usada ainda nos séculos seguintes.

Frey Luís dos Anjos, no *Jardim de Portugal* (1626), mais propriamente, no prefácio, elucida-nos sobre o termo:

«Chamo jardim a este tratado seguindo aos que escreverão liuros dos Padres do Epypto, porque lhes chamaraõ vergéis, ou prados espirituaes, ensinando cõ taõ alegre titulo, que naõ saõ exemplos sanctos menos fermosos dos olhos dalma, que quaisquer flores aos do corpo; & certo que naõ sei viola mais suaue que a humildade: nem lirio mais lindo, que o sofrimento: nem rosa mais abrasada que a caridade: nem crauo mais forte que a fortaleza: nem jazmim mais mimoso que o jejum: nem mais saudoso goyuo que o silencio: nem mosqueta mais querida que a quietação: nem çeçem mais pura que a pureza: nem bonina mais benigna que a benignidade: as quais & mytas outras virtudes resplandescem mais neste jardim diante dos olhos de Deus, que as mesmas estrelas do Ceo diante dos homẽs» (1626: “A quem ler”).

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Frey António da Purificação, na Dedicatória dessa mesma obra, reitera a ideia: «Jardim lhe chama de Portugal: em o qual ainda que não seja cõ o mais delicado estylo, cõ tudo se apresentã as melhores plantas, flores, & fruitos que deraõ neste reyno de Portugal» (1626: "Dedicatoria").

Claro que não foi só em Portugal que o termo corria. Também em Espanha. Assim, Antonio de Torquemada publicara em 1570 o *Jardín de flores curiosas*.

Giovanni Allegea explica o significado do título da obra: «El *Jardín de flores curiosas* nace del intento de ordenar por tratados y secciones el conjunto de noticias, relaciones, recuerdos, *mirabilia* que habian ido acumulandose en los siglos que van de la decadencia romana hasta los umbrales de la edad moderna.» (1980: p. 56). E mais adiante: «*El Jardín no es por otra parte una obra literaria en sentido convencional, siendo el elemento creativo y personal muy reducido; como honrada y repetidamente reconoce su autor, tratase de una amplia recopilación de noticias no siempre controlables pero concienzudamente referidas a sus fuentes ciertas o supuestas. Pero las fuentes no son aquí unos pocos autores o un contemporáneo especialmente seguido en su tiempo, sino todo un ejercito de tratadistas, cartógrafos, logógrafos, continuadores que tanto sacan de la cantera literaria como de la popular y colectiva.*» (1980: p. 56).

Claro que nos jardins há flores, conforme Torquemada, na fala de uma das personagens (Luís), esclarece: «*Por cierto, es tanta la variedad de las flores y rosas que están en este pequeño prado, que, mirando cada una por sí, me parece nunca antes haberla visto. ¡Cuántas maneras hay de ellas, con cuán varias composturas y formas y con cuán delicadas colores y matices, puestas con tan gran orden y concierto, que parece que la Naturaleza se ha esmerado en pintar con todo el primor posible a cada una de ellas!*» (1570: fol. 2). A mesma metáfora é utilizada, em 1600, por Francisco Ortiz Lucio, ao publicar em Madrid um *Jardín de divinas flores repartido en siete tratados de materias muy provechosas para todo genero de gentes: especialmente en lo que toca a amor divino y humano*.

Nem sempre o termo utilizado é jardim, por vezes, aparece o termo silva ou floresta. Poderá haver uma ligeira diferença entre os dois termos, conforme explica Allegea: «Distinta la conciencia erudita y muy otro el rigor filosófico del *Jardín* si lo comparamos con el modelo mas próximo, la *Silva* de Mejia; no difiere el intento de referirse a cierta tradición literaria, típica de la baja edad clásica y de la media. La palabra *Jardín*, a diferencia de *Silva*, sugiere una mas cuidada demora en la búsqueda del hecho raro, y subraya a la vez el intento de deslindar los temas que forman el terreno de la "curiosidad." Es como si, a pesar de lo intrincado del paisaje que se nos abre delante, quisiera Torquemada indicarnos las sendas aptas para visitarlo sin correr el riesgo de convertir nuestro viaje en una incursión insensata» (1980: p. 57).

Não foi só a *Silva de varia Leccion* de Pedro Mejia (1540) que se publicou. Em 1696, Pr. João da Fonseca publicou também uma *Silva moral e historica que contem a explicação & discursos moraes de diversas materias confirmados com seis centurias de exemplos escolhidos & historias selectas*.

Outro termo utilizável é o de floresta. Em 1574, Melchor de Santa Cruz de Dueñas publicava em Toledo a *Floresta Española de Apothegmas, o sentencias, sabia y graciosamente dichas de algunos españoles*, livro de grande sucesso que teve várias edições no mesmo século e no seguinte. Na dedicatória ao leitor, o autor explica o sentido do termo: «De aquesta floresta, discreto lector/ donde hay tanta copia de rosas y flores,/ de mucha virtud, olor y colores,/ escoxga el que es sabio, de aquí lo mejor.» (Santa Cruz: 117).

A variante floresta continua, pois, a usar-se nos séculos seguintes.

O Pr. Manuel Bernardes publicava em 1706 os cinco volumes da sua *A Nova Floresta ou sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos, espirituales e moraes, com reflexões em que o útil da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim divina como humana*, não fazendo, pois, a distinção com silva. Também em 1735 saía o tomo I da *Floresta novíssima* de Pr. Manuel Consciência que não difere muito da do seu antecessor. Conforme se pode deduzir do título, ambas as obras contêm pequenos contos que se pretendem exemplares.

Ora, nos jardins, florestas ou silvas há, pois, flores. O termo flores aparece mesmo como título de uma das obras que melhor fortuna tiveram: *Flos Sanctorum*. Entre as várias que se imprimiram na Península Ibérica, salientamos a de Frei Diogo do Rosário, publicada em 1567, em Lisboa, intitulada: *História da vida e feitos heroicos e vidas insignes dos santos*, reeditadas mais duas vezes no mesmo século (1577 e 1590).

Nessa mesma linha, a obra anónima sobre a vida de S. Francisco (1492) recebeu significativamente o título de *Floreta de S. Francisco*, obra importante na biografia desse santo e que terá servido de fonte privilegiada a Frei Marcos de Lisboa, para escrever a *Crónica dos Frades Menores* (1557).

Data da segunda metade do séc. XVI um *Floreta de anécdotas y noticias diversas* da autoria de um frade dominicano de Sevilha. Na mesma linha, Francisco Saraiva de Sousa, em 1657, editava o *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*.

Claro que todas estas obras se filiavam, como é fácil de ver, na corrente da literatura moral dos exempla.

Portanto o jardim de várias flores, não é mais nem menos que uma coletânea de histórias diversas de vários casos e personagens, "exemplares", no sentido da época.

Ora, não faltam "flores" nesta obra que comunga também do género hagiográfico.

Efetivamente, abundam os exemplos de mulheres e homens cujas vidas abnegadas e virtuosas, nos devem surpreender, que «forão direitos ao Ceo e estão gozando de Deus Nosso Senhor e lhe pedem fauor pera com o mesmo Deus, como a Santos canonizados polla Igreja, e muitos alcansão, por sua intercessão, remedio da necessidade que lhes pedem, obrando alguns milagres» (p. 201).

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Um dos exemplos é precisamente o de Frei António de Sam Boaventura, "um frade nosso", logo franciscano, que se salvou, milagrosamente, do ataque dos piratas mouros a Santa Maria. Também a figura do Infante D. Fernando, «tão católico e christianíssimo (...) nacido não só do seu uirtuoso espirito, inspirado pelo Espírito Santo (que assim se pode por sua uirtude e bondade presumir) mas do bom entendimento que Deus lhe deu» (p.120). Virtudes essas que o tornavam arauto de Deus, ao profetizar que «os primeiros povoadores destas Ilhas roçarão e trabalharão, e seus filhos semearão, os netos uenderão, e os mais descendentes fugirão dellas» (ib.).

Poderosa profecia de que os ilhéus não se puderam libertar ainda hoje. Esta profecia cabe na designação de ditos ou sentenças que caracterizam ao tipo de literatura que temos estado a analisar.

Encontramos no Cap. 8º o melhor exemplo das flores, leia-se, grandezas do país, pois aí se fala «Das conquistas dos Reys de Portugal, Terras que descobrirão e por quem e em que tempo» (p. 73).



6º Bragança 2006

6º Bragança 2006

6º Bragança 2006



8º BRAGANÇA 2007

8º BRAGANÇA 2007

### A "cristalinidade"

Frei Diogo das Chagas não perde a ocasião ao longo da obra de afiançar a veracidade do que escreve, quer através de fontes escritas, quer através de fontes orais, desde que estas se tenham mostrado dignas de confiança. Por isso mesmo, protesta que «como já tenho ditto, não boto aqui o que ouço a Velhos, se não o que me consta de liuros e o bom e autorizado.» (p. 394). Ou, pelo menos, e concretamente em relação aos povoadores de Santa Maria, o «que consta de papeis ainda que não aulenticos, mas feito por pessoa digna de fée, conforme a pratica dos que hoje uiuem, que me afirmarão estar tudo na uerdade» (p. 130). Às vezes, a informação é apenas oral «não consta de papeis, mas por tradição de antigos», sobretudo quando a fonte «he pessoa a quem dou muito credito», aliás confirmado posteriormente, quando «reboluendo depois papeis as achei muito ajustada a uerdade» (p. 348).

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

No entanto, quando a tradição é muito forte, ele regista-a, mas denuncia a falta de crédito que lhe merece. É assim que, logo no início da segunda parte (cap. 1º) ao apresentar a profecia do infante D. Fernando, apressa-se a explicar que o «Dizem algumas pessoas mui antigas, e anda como por tradição na memória dos mais [c]uriosos, e que eu achei em papeis mui antiquíssimos ainda que não autenticos» (p. 120).

Assim, na página 201, a propósito de «algũas pessoas que uiuendo em carne se tinhão por templos vivos do mesmo Senhor, a respeito da boa e Santa Vida que fazião», diz que os milagres que eles obram «estão prouados por muitas testemunhas, e ainda em liuvros empessos já escritos».

Mais adiante para afiançar quem foi o primeiro povoador da Terceira, declara que está «conforme alcansei por conjecturas de papeis antigos que ly, e noticia certa molher bem entendida e antiga, que nesta materia perguntei» (p. 217). Para atestar a fundação da capela mor do Convento de Angra diz que está conforme «Consta dos papeis do dito Convento que eu sendo guardiam bem deuagar ly» (p. 283). De facto, esta sua posição de guardião do convento favorecia muito as suas pesquisas.

Sobre a construção da ermida de São João Baptista por um certo cavaleiro, por exemplo, explica que é o que «consta de seu testamento que eu ly deuagar.» (p. 289). Sobre a descendência de Maria Teixeira é ainda mais preciso: «Consta destes cazamentos filhos e descendencias dos liuros dos bautizados, e casados da Matriz de Villa da Praya em varios Itens e uarias partes, que eu muito deuagar **li, vi, e corri.**» (p. 390).

Nem sempre é possível corroborar as ideias que corriam no tempo. Assim, acerca do tronco dos Valadões, humildemente «confesso em mim que fiz muita deligencia lendo cartorios, e perguntando a antigos por quem fosse o primeiro tronco e raiz dos desta nobre descendencia (...) e não pude descobrir ao certo, quem fosse e como se chamasse.» (p.338). A propósito de um tal Afonso Lopes confessa que não sabe «se veio de fora, nem se naceo na Ilha», porque «não achei em papeis autenticos outro mais antigo, de quem possa colligir ser este filho ou neto, por isso dou este por tronco.» (p. 403).

Para não errar, prefere não falar no assunto. Deste modo, em relação a Gonçalo Ferreira de Teue, que diziam ser irmão de Diogo de Teue nada afiançou, ou como ele diz «não tratei sua genealogia atrás junto com a do Irmão, se he, que o erão, que a mim me não consta por papeis autenticos» (p. 363). O mesmo acontece em relação a Inês Gonçalvez: «não sei com quem casou, nem se tem descendencia» (p. 393).

Os exemplos poderiam continuar, pois, fiel ao seu propósito declarado no título da obra, o franciscano florentino não perde ocasião de confirmar a "cristalinidade" deste seu espelho.

### O conteúdo

Na sua totalidade, esta extensa obra, redigida em meados do séc. XVII, no contexto da Restauração, começa com o princípio do mundo, os primeiros monarcas, as nações de Espanha, a formação de Portugal, os seus reis e conquistas. Esta é a primeira parte. A segunda parte, aborda então os descobrimentos das ilhas açorianas. Já a terceira é dedicada aos sumos pontífices. Inclui ainda alguns "papeis", ou seja, documentos que atestam as suas afirmações.

O manuscrito encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. Seguiremos aqui a segunda edição de 2007.

A intenção de Frei Diogo das Chagas ao escrever o *Espelho* é bem clara e explícita ao longo da obra: mostrar as "grandezas", ou flores, de Portugal, obviamente imbuídas de um ideal hagiográfico e exemplar. Para o provar, afiança que o nosso país terá sido o berço da vida eremítica, sendo o primeiro ermitão um tal Felix, «Santo Varão português» (p. 57), discípulo de Santiago. A sua passagem teria dado origem aos ermitões da Serra de Ossa. Inspirados nessa tradição, em S. Miguel, dois franciscanos ter-se-iam retirado para «Hũas brenhas e deserto, que fica entre a Povoação e Vila Franca, que se dizem as Furnas» (p. 58). Como se vê, o autor faz uma estreita ligação entre o que se passa no Continente e o que se passa nas Ilhas e apresenta, naturalmente, os franciscanos como elo de ligação entre essas santas ocorrências. Não vai além nestas referências hagiográficas, mas remete-nos ainda para o *Jardim de Portugal* e para a *Monarquia Lusitana* para se saberem as demais grandezas de Portugal.

### Descobrimto e povoamento

Frei Diogo das Chagas denuncia a tradição seguida por Gaspar Frutuoso que atribui a Gonçalo Velho, comendador da Ordem de Cristo, a descoberta de Santa Maria, em 1432, a primeira do arquipélago a ser descoberta e a ser povoada. Tinha razão, embora não tenha acertado na data, pois, na verdade, só no séc. XIX é que ela foi decifrada inserida num planisfério, datado de 1439, de Gabriel de Valseca, onde pela primeira vez aparece a localização exata dos Açores, a data correspondente à sua descoberta, como sendo a de 1427, atribuída a um Diogo, cujo apelido Damião Peres decifrou como de Silves. Assim, Gonçalo Velho terá sido sim, o seu primeiro colonizador, mas não descobridor. A política de sigilo obrigava à inexistência de documentação, o que justifica essa lacuna.

Frei Diogo muito deve ter porfiado por encontrar os alvarás da doação das capitánias, mas tal não logrou, como confessa: «não achó nenhũa carta passada pollo Infante Dom henrique, nem

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

pollo Infante D. Fernando, seu sobrinho, que elle em filho adoptou, e a quem deu as Ilhas que em seu tempo tinha descobertas» (p. 129). Esta falta de documentação leva-o a concluir que a mercê feita a Gonçalo Velho, deve ter sido feita "de palavra", conforme era comum na época (p. 129).

Atendendo a estes constrangimentos, o que se sabe, é que Gonçalo Velho, comendador de Almourol, estribeiro do Infante, terá sido escolhido pelo Infante D. Henrique para nela lançar gado e as povoar, fazendo-lhe doação de Santa Maria e de S. Miguel. Gonçalo Velho terá entrado na ilha em 15 de agosto, dia da Nossa Senhora da Assunção e por isso a denominou de Santa Maria. Correria, segundo a tradição, o ano de 1432, embora F. Diogo Chagas ache que seria antes em 1443, apesar de não ter obtido provas desse facto: «É passado Cabo Verde pera o norte sessenta legoas, digo cem legoas, se descobrião as Ilhas dos Asores, que o Infante mandou povoar no anno de 1449 e, assim forão seus primeiros descobridores, e foi seu descobrimento do anno de 1443, ate o anno de 1449 em que começarão a pouoar, não todas juntamente, mas hũas apos outras» (p. 75).

Segue-se a descrição da Ilha, «mui fertil e tudo o que há de melhor do que os frutos e mantimentos de outras Ilhas (...). Tem muito e bom barro, do que fazem toda a sorte de louça (...). Tem hũa pedreira de pedra de Cal (...). Tem muitos bons pastos, alguns matos e as terras lauradias. Não são muito fecundas em trigo mas o que dão é tão bom como do Alentejo» (p. 122). Além dos nomes dos capitães, cita os apelidos e descendência dos primeiros povoadores: os Velhos, Sousas, Soarez, Quentais, Lemos, Rodriguez, Coelhos, Mellos, Cabrais, Carvalhos, Corvelos, Nunez, Costas, Andrades...

Minuciosamente fornece-nos os nomes das freguesias, dos fogos e das "almas maiores e menores" que tem cada uma. A sua preocupação em nos dar uma "cristalina" certidão de nascimento da ilha, fá-lo incluir a lista de capitães e descendentes até ao tempo da redação da obra. Os outros povoadores não ficaram esquecidos, já que exaustivamente inventaria o nome dos primeiros povoadores e dos seus descendentes.

Para além das gentes, Frei Diogo dá relação da organização administrativa das ilhas, ao dar conta das freguesias e dos fogos e das almas maiores e menores de cada uma (p. 123).



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)

13º BRASIL 2010 (FLORIPA)

## Conclusão

Poderíamos dizer com propriedade que esta obra é uma certidão narrativa completa do nascimento, o mais cristalina possível à luz dos recursos de então, de todas as ilhas açorianas e, logo, também da de Santa Maria. Bem enquadrada na época, é também um panegírico das grandezas do reino, numa época em que era preciso reforçar o nacionalismo face ao inimigo estrangeiro.

Pode dizer-se que Frei Diogo das Chagas cumpriu o seu desiderato com distinção.

## Referências bibliográficas

.ALLEGIA, Giovanni (1980), "Antonio de Torquemada, mitógrafo 'ingenuo' y popular", Actas del Sexto Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas celebrado en Toronto del 22 al 26 de agosto de 1977 / Toronto, Department of Spanish and Portuguese, University of Toronto, 1980, pp. 55-59, disponível em 03/05/2024, em: [https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih\\_06\\_1\\_013.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih_06_1_013.pdf)

ANJOS (Frei) dos Anjos (1626), Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas sanctas mulheres illustres em virtude as quaes nascerão ou viverão ou estão sepultadas neste Reyno y suas cõquistas. Coimbra: em Casa de Nicolau Carualho, Impressor del Rey.

CHAGAS, Frei Diogo (2007). Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional de Cultura, Universidade dos Açores, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso.

CORTESÃO, Jaime (s.d.). História dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. I

FERNANDES, M. Lurdes Conceição (1995). Espelhos, cartas e guias de casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700). Porto: FLUP

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Floreto de S. Francisco (1988). Reprodução fac-similada do incunábulo n. 175 da Biblioteca Municipal de Lisboa. Apresentação de José Adriano Freitas de Carvalho. Porto: FLUP.

PERES, Damião (1982). A história dos descobrimentos portugueses. Porto: Vertente.

SANTA CRUZ, Melchior (1996), Floresta Española (ed. De Maximiliano Cabañas). Madrid: Catedra.

TORQUEMADA, Antonio (1570), Jardín de flores curiosas en que tratã alguns materias de humanidad, filosofia, theologia y geographia con otras cosas curiosas y apazibles. Salamanca: en casa de Juan Baptista de Terranoua.

APRESENTOU "Teófilo Braga Contos Tradicionais Açorianos" reeditados PELA IETRAS LAVADAS EM 2024



O livro que aqui trago é a segunda edição dos *Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga*. A primeira foi lançada no Brasil, em 2010, em Florianópolis, era comemorativa do centenário da República, foi editada na Calendário de Letras pelo nosso associado Francisco Madruga, e integrou a lista do Plano Regional de Leitura.

Esta também é comemorativa do centenário, mas do centenário do falecimento de Teófilo Braga, que, salvo raras exceções, tem passado despercebido em quase todo o país. A editora Letras Lavadas chamou a si a tarefa de publicar a obra e penso que é uma boa forma de Ponta Delgada poder homenagear um dos mais gloriosos filhos da sua terra.

Nestes encontros açorianos, e antes destes, já nos de Bragança, apresentei várias comunicações sobre Teófilo Braga (ainda no ano passado a minha comunicação sobre os folhetos de cordel partiu precisamente de um opúsculo deste autor). Sinto por ele uma grande empatia, pela sua fome de cultura e de estudo, pela sua honestidade intelectual, mas sobretudo uma elevada admiração pelo homem de vida modesta e honesta, pelo estadista probo, pelo presidente que se deslocava de elétrico para o palácio presidencial, aquele que entendia a sua missão como uma *res publica* - o que deveria ser apanágio de qualquer político.

Joaquim Teófilo Braga publica os *Contos Tradicionaes do Povo Português: com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas* em 1883, no Porto, na Livraria Universal, em dois volumes. O ensaio que precede a apresentação dos contos é um ótimo estudo sobre a literatura tradicional, em geral, e sobre os contos, em particular.

### BIODADOS -- colóquio da lusofonia

O primeiro volume do livro engloba contos de diversas regiões do Continente, bem como das Ilhas, todos eles devidamente identificados. Às vezes só dá indicação da província, outras vezes dá mesmo a da cidade (ex.: Algarve: Lagos). Casos há em que apresenta duas origens para o mesmo conto (ex.: Estremadura e Algarve). A maioria dos seus contos são oriundos dos Açores (sobretudo, S. Miguel), obviamente, do Algarve e do Porto. Há também alguns de Famalicão, Airão (Minho); Bragança; Coimbra; Sardoal; Alentejo e Carraceda de Ansiães.

O segundo volume engloba contos literários, colhidos nos *Livros de Linhagens*, nos Manuscritos de Alcobaça, no *Orto do Esposo*, em Gil Vicente, em Gonçalo Fernandes Trancoso, Francisco Saraiva de Sousa (báculo Pastoral de Flores de Exemplo) Rodrigues Lobo, Pe. Manuel Bernardes; na *Arte de Furtar* (que ele atribui ao Pe. António Vieira) e no Pe. João Baptista de Castro.

Quanto às lendas, patranhas e fábulas (III Parte) deste segundo volume, há recolhas da Guarda, Torre de D. Chama, Porto, Famalicão, Airão, Vila Nova de Gaia, Açores, Leça do Balio, Paços de Ferreira e muitos outros lugares. Daqui se pode concluir que Teófilo Braga apresenta uma mostra significativa do património cultural do país.

Ora, Teófilo já tinha publicado em 1869 os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* (Cantos, sublinho), mas não teve oportunidade de fazer uma edição dos contos da sua terra. Como vimos, coligiu (ou melhor, foi o Dr. João Teixeira dos Santos e o Dr. Ernesto do Canto, seus amigos, que coligiram, porque ele estava no Continente) muitos contos nos Açores, mas estes apareceram integrados nos *Contos Tradicionais do Povo Português*. Aquilo que eu fiz, foi selecionar nessa obra todos os contos que são aí identificados como sendo dos Açores, num total de 31, dos quais 27 são de S. Miguel e os restantes quatro atribuídos genericamente aos Açores. Apresento-os exatamente pela ordem por que aparecem nos *Contos Tradicionais*, e realizo aquilo que, se calhar Teófilo gostaria também de ter feito, que era uma coletânea apenas com os contos, casos, facécias, histórias, exemplos, patranhas, lendas, ditos, fábulas, recolhidos na sua terra natal. Obviamente que nos Açores circulavam muitos mais contos do que aqueles que ele identifica, (Maria Inácia, uma informante, terá dito que "todos escritos encheriam uma casa"), mas esses tinham também versões continentais, pelo que ele os etiquetou como originários das terras em que foram recolhidos.

Não me limitei a fazer o levantamento desses contos e a transcrevê-los. A edição inclui uma introdução que percorre a biografia teofiliana e a sua extensa bibliografia. Extensa sim, porquanto abrange mais de trezentos títulos publicados, o que só foi possível de levar a cabo, porque o nosso autor começou a escrever aos 15 anos - 1858 - e só terminou aos 81, na hora da morte, já que morreu sentado à mesa de trabalho, numa reclusão quase ascética na sua casa da Trav. de Santa Gertrudes, em Lisboa, hoje Teófilo Braga. Claro que a sua vasta obra não se limita às recolhas da literatura tradicional: abrange também a política, a filosofia, o direito, a história.

Mas estes *Contos tradicionais Açorianos*, percorrem ainda a génese e importância da literatura tradicional, em geral, e a do conto, em particular, bem como dão conta da importância internacional de T.B. e das suas influências.

Vai mais além e faz ainda a comparação das versões açorianas de alguns contos com as de outros locais, nomeadamente com o Brasil (versões colhidas por Sílvio Romero). Há ainda um conto comparado com uma versão portuense, colhida pelo próprio Teófilo (as duas versões são necessárias para uma melhor compreensão da narrativa, já que a versão açoriana está incompleta: O tihoso, o ranhoso e o sarnoso. Aliás, não é rigorosamente um conto, mas um "caso ou facécia", segundo a sua própria terminologia). Surgem ainda três contos comparados com as versões de Ourique, Beira Baixa e Bragança colhidas por Adolfo Coelho, seu colega no Curso Superior de Letras.

Finalmente, esta obra inclui ainda uma grelha com a origem de muitos dos contos e uma razoável bibliografia sobre a literatura tradicional. Dada a genuinidade da linguagem utilizada, fruto do facto de serem crianças a passar a escrito os contos que a gente simples e analfabeta contava (como ele diz: «a criança é a verdadeira transição entre a alma popular e a inteligência culta»), impunha-se a inclusão de um glossário a seguir a cada conto para facilitar a compreensão de muitos regionalismos e arcaísmos.

De facto, falar de Joaquim Teófilo Braga é também convocar um cenário intelectual da Europa finissecular, onde pontuavam os estudos da cultura tradicional e perceber ainda as ligações desta Europa em transformação com resto do mundo. No caso concreto desta obra do nosso homenageado, com o Brasil.

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Foi pelo estudo comparativo do folclore que ele viria a enquadrar Portugal no conjunto europeu:

As colecções de Cantos populares portugueses formam um valioso documento etnológico, pelo qual se podem já estabelecer relações com os rudimentos primitivos das nacionalidades peninsulares, e coadjuvar a explicação do problema da unidade das tradições poéticas occidentaes evidentes nos paradigmas dos romances comuns a Portugal, Hespanha, França Meridional, Itália e Grécia Moderna (1893:V).

Embora tendo começado por um interesse romântico pela cultura tradicional, na linha seguida pelos Irmãos Grimm, aliada, obviamente, a um grande patriotismo, Teófilo aderiu desde cedo, desde os seus contactos com a Geração de 70, ao positivismo, o que lhe permitiu estudar toda a literatura tradicional, para além do seu óbvio interesse literário, nas suas dimensões filológica, etnográfica e pedagógica.

Os seus estudos em literatura comparada levaram-no ao conhecimento da literatura do país vizinho (o que no caso do *Romanceiro* era imperioso) e tornou-se tão grande expert na cultura espanhola que chegou a ser proposto por Menéndez Pelayo para a Real Academia Espanhola, além de ser um consultor habitual dos folcloristas desse país, nomeadamente de Machado y Alvarez, e de ter colaborado em várias publicações. Aliás, esse estudo comparativo levou-o a sonhar uma união ibérica através do folclore, o que é perfeitamente compatível com o pensamento intelectual do final de dezanove.

O seu prestígio estendeu-se ao Brasil, despertando em Sílvio Romero (mais novo uns anos) uma enorme admiração. Teófilo acabou por lhe prefaciá-lo e anotar a edição dos *Cantos Populares do Brasil* e a dos *Contos Populares do Brasil*, publicadas primeiramente em Portugal (respetivamente em 1883 e 1885). A obra que ora apresentamos inclui a polémica estabelecida entre ambos, polémica que, embora muito comum nesse final de século (na realidade, eram duelos de palavras), nos mostra a incompreensão, a inveja de que foi alvo muitas vezes.

Importa também salientar o seu extraordinário papel em prol da defesa dos valores culturais do nosso povo, o seu contributo para o melhor conhecimento e divulgação, para o engrandecimento e fortificação da literatura nacional e para o reconhecimento da sua identidade. Em abono do seu autor, não podemos esquecer ainda de que os *Contos Tradicionais do Povo Português* conservam as vozes das palavras e das expressões mais genuínas e saborosas do nosso povo. E também não podemos esquecer o facto de que Teófilo foi ainda o «fundador da nossa história literária», como afirmou Carvalho Homem (1989: 1).

Veio ainda enriquecer a nomenclatura utilizada para designar essas narrativas curtas. Como digo nesta edição dos contos açorianos: «A erudição de Teófilo (embora não raras vezes mal assimilada devido às muitas leituras que fazia) leva-o a registar também a nomenclatura utilizada pelo povo para designar essa vasta produção oral: histórias, casos, contos, exemplos, lendas, patranhas, ditos e fábulas, que corriam então com a designação geral de contos da carochinha.» (2024: 39) e que, rigorosamente, não são equivalentes «já que abrangem narrativas que contemplam três categorias: maravilhoso, anedótico e moral, à semelhança das narrativas tradicionais dos outros povos europeus.» (2024: 39-40).

Parece-nos, pois, evidente o papel decisivo que Teófilo Braga teve na recolha e estudo do nosso folclore. Mas mais ainda: T.B. não deixou de fazer a ligação entre a literatura tradicional e a literatura para crianças. Aliás, na esteira dos Irmãos Grimm, também ele haveria de conferir aos contos uma dupla dimensão: a etnográfica e a lúdica, conforme salienta:

Os contos tradicionaes são immensamente sympaticos às creanças e já Platão os considerava como um excellent meio de educação (...) Este emprego foi sempre seguido nas escolas greco-romanas, como se vê pela transmissão de fábulas esopicas, adaptando-as os pregadores da edade media nos sermões com Exemplos e ainda M.me De Beaumont o generalisou no fim do século XVIII (1910-a: XII).

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Por isto mesmo, podemos ainda considerá-lo também como o fundador da nossa história da literatura para a infância.

Penso que esta edição, elegante e sóbria, é uma justa homenagem a Teófilo Braga e constitui ainda uma mais-valia para todos os que se interessam pela cultura portuguesa, pela cultura açoriana.

APRESENTOU "HELENA CHRYSTELLO, AUTORA PRECOCE" - Apaixonada em silêncio? Silenciosa paixão? Helena Chrystello, *O Silêncio da Paixão*



É difícil fazer a apresentação de uma obra como *O Silêncio da Paixão*. Desde logo pelo meu envolvimento no texto, envolvimento que durou meses. Mas seria sempre uma tarefa hercúlea, sobretudo, porque esta novela abre as portas a muitas leituras possíveis, porque é densa, porque nos envolve e depois nos arrasta com ela. Daria um outro livro falar na riqueza dos recursos a que a autora lança mão para nos seduzir com eles.

A única tarefa fácil é a de dizer-vos do que fala o texto. A autora fez isso por nós e incluiu o resumo que o encabeça e que deve ter funcionado como um guia para a sua escrita. *Clara Viel, a artista que cantou através do mundo inteiro. Aí está ela, na flor da vida, isolada em Joinville, no Cotentin. As dunas, o mar cinzento e a solidão. Ninguém sabe por que é que ela renunciou repetidamente à sua carreira, abandonou a música, os teatros, fugindo cada vez para mais longe.*

*Estranha, silenciosa. Como única testemunha daquilo que ela parece procurar obstinadamente, um jovem. Para únicas imagens - apenas rochedos, água e céu - estes clarões dilacerantes das recordações. Berlim, o encontro com um pintor, Eric, o amor que irradia a memória. Como única ligação ao mundo exterior estas cartas chegadas de Praga onde alguém a ama ainda. Na lembrança tenaz, existe uma rotura. Fenda também na sua arte. Uma cena que Clara Viel não consegue reconstituir. Logo que ela se elevar para lá da doença, da alucinação, descobrirá talvez a verdade, saberá por que é que a morte a atrai tão fortemente.*

*O destino permite-lhe ainda tornar a ver Eric; por fim a cena torna-se clara. O mar, a morte confundem-se.*

*A narração é levada num ritmo onde o desejo da nostalgia e a nostalgia do desejo se alternam como a maré que cobre e descobre esta sombra - enigmático amor. «que cobre e descobre» - é exatamente este movimento de vaivém, repetitivo, que, ao longo de toda a novela envolve o leitor, como se ele rolasse nesse cenário de areia e mar. O uso predominante do presente do indicativo e as referências constantes à paisagem marinha e às suas constantes mutações, contribuem para essa sensação de identificação com a protagonista.*

O leitor sente, por empatia, o sufoco e, logo, o estado de saúde física e mental e toda a dimensão do sofrimento da protagonista. Por outro lado, os momentos de analepse na narrativa, a convocação do passado de Clara, muito embora frequentes, são breves e entrecortados, porque sempre *O mar volta depressa, anelante*. Esta omnipresença do mar torna-se obsessiva e oprimente. Porque esse mar tudo envolve, até mesmo o local que deveria ser o seu refúgio, a casa, pois ele espreita, impõe-se: *Por entre todas as janelas.*

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

A autora não perde a oportunidade de realçar a importância que o mar tem. Seria incontornável, impossível, não falar do mar. Por isso, fá-lo também graficamente. Assim, a espaços, isola o sintagma "o mar" numa linha apenas, ora a meio da linha, ora no início do parágrafo.

Na verdade, todos estes estratagemas preparam-nos para o fim anunciado: a morte no seio do mar.

A própria protagonista é retratada nesse vaivém, como se flutuasse sobre as ondas, balançando entre o amor de dois homens - Gilles e Jiri - porém, sem que ela ceda, presa, constante na sua paixão por Eric, o fiel da balança.

O mar domina todo o espaço cénico, pelo menos o da realidade. Só o das memórias é que nem sempre o inclui, pois esse é o tempo em que Clara ainda cantava, ainda se sentia presa à vida.

E falar de mar é também falar do tempo, das fortes chuvadas, do frio, das nuvens, não ao estilo de um quadro impressionista, cheio de luz, em pinceladas rápidas, mas sim de um quadro romântico, carregado, dramático. O tempo atmosférico, sufocante e de mau agouro, também PARTICIPOU desse ritmo binário e também ele serve de adjuvante ao desfecho da ação:

*A tempestade rebenta depressa com a queda de granizo. Depois o silêncio. Novamente o granizo.*

O cenário é demasiado grandioso, dominador:

*Os cabelos, o rosto ensopados, Clara olha e pensa na sua morte, talvez porque desejasse estar ao nível daquilo que via.*

É esse mar que preenche todas as horas de Clara. É dele que agora ela se alimenta. Todos os seus sentidos são bombardeados pela presença dele: a visão, o olfato, o tato, o paladar e também a audição. Pois embora a música seja uma referência constante, desde logo porque Clara era cantora lírica, essa mesma música que preencheu a sua vida, acabou por ser abandonada e substituída pelo mar, como confessa a uma amiga que lhe pergunta se ela era feliz:

*-... feliz? A minha família gostava de mim. Tinha o mar em Joinville, os meus amigos, o piano...*

*- A música? E agora?*

*- O mar.*

Mas, obviamente que a música, muito embora já não faça parte da vida atual de Clara, por vontade própria, porque abandonou a carreira, está presente ao longo de toda a novela. Durante a leitura nunca perdemos de vista o facto de a protagonista ser cantora lírica. Falar da música torna-se óbvio e contribui para a criação de um ambiente onírico muito sugestivo. A sua presença é poderosíssima no texto. A música funciona ainda como a banda sonora da narrativa, o pano de fundo que nos prepara para a tragédia que se avizinha. É o *leitmotiv* de toda a ação. É também ela que desperta as memórias, que liga a protagonista ao seu passado, que nos dá conta do seu estado de ânimo no presente.

Por isso, ela é devidamente escolhida. Nunca é uma referência inocente, porque vai sempre repercutir-se nos movimentos, nos sentimentos, nas memórias das personagens. Não são já as *lieder* ou as árias na voz de Clara quando ainda cantava nos palcos de toda a Europa, é a música gravada que dá voz à memória. Podemos perceber como essas escolhas implicaram, por parte da autora, um conhecimento aprofundado da música, pelo menos uma busca muito seletiva de trechos musicais, adaptados a cada circunstância. Assim, a escolha de *O Castelo de Barba Azul* de Béla Bartók (*Não conheço nada mais triste.*, afiança Gilles) pode ser entendida como uma alusão à inconstância amorosa de Eric e ao sofrimento que este causou nas mulheres rejeitadas;

Já o *Erwartung* de Arnold Schönberg, o drama da mulher que encontra o seu amado morto, que o acusa de ser infiel, mas que desespera porque não sabe como viver sem ele, é convocado insistentemente ao longo do texto, porque tem paralelismo com a vida da protagonista, sem bem que a morte de Eric não seja real, seja apenas a ausência dele;

O melodrama *Pierrot lunaire* (também de Schönberg) é recorrente, incluindo-se mesmo citações das líricas: (*Am Hals ein Zöpfchen/ Wollüstig wird sie* que significa: «Ela está voluptuosa com essa trança ao redor do pescoço» ou *Den Wein, den man mit Augen trinkt*). A violência verbal, a controvérsia causada por esta peça abre-nos a porta para a luta interna das personagens. Há também um excerto de uma pauta de *Il lamento de Ariana* de Monteverdi, que será o seu adeus a Jiri.

Podemos acrescentar referências às *Altenberg lieder* de Berg, que deixam a protagonista desesperada, ou às pungentes *lieder* de Shumann. Ou às de Webern. Não faltam *As Bodas de Fígaro* que, quando ouvidas transportam a protagonista para o encontro com Jiri em Praga.

Curiosamente, a tragédia de *Pelléas and Mélisande* de Claude Debussy torna-se parte da ação, confunde-se com ela, é mais como se fosse tomada por um acontecimento real, paradigmático:

*Ela fecha os olhos, deixa as mãos ao abandono. Sim, é tudo por causa de uma mentira, dessa necessidade de saber, enfim, - uma última vez - essa necessidade violenta e mórbida.*

*Da mesma maneira que Golaud atormentando Mélisande: "A verdade, preciso de saber a verdade!"*

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Não admira a sua referência, pois, esta é também a ópera que liga Clara a Eric. Quase como uma premonição, este tinha pintado alguns quadros inspirado nela.

A música, sempre a música, ligando impressões, memórias: *A música que chama em seu socorro transporta-a a Berlim, há doze anos.*

Berlim em plena Guerra Fria, numa atmosfera política ambivalente, nesse limbo entre o Leste e o Ocidente. É neste espaço centro-europeu da Guerra Fria que as personagens do passado de Clara se movem.

*Um dia, Clara caminhou até ao Muro. Homens, mulheres vestidos de cinzento, de verde sombrio, esperavam e não se sabia se eles ficavam lá, com todas as esperanças de ver chegar algum parente, amigo, filho, se pensavam penetrar nas ruas interditas ou se não chegavam a acreditar no Muro. Os projetores das sentinelas, à noite, revisitavam as fachadas estreitas, os palácios abandonados.*

O ambiente soturno, a opressão política contribuem também para adensar a intriga. Mas mais explícito ainda talvez sejam os sonhos premonitórios:

*Houve durante a sua vida [de Clara] três sonhos premonitórios: a morte da mãe, o suicídio de Alain e um terceiro: a sua doença.*

A sua paixão é então vista como uma doença, doença que lhe será fatal e que é anunciada inconscientemente, ou talvez não, por Eric.

*«Quando nos amarmos demais, meu amor, matar-nos-emos juntos.»* Eric falava, como se bebe, com embriaguez, sem pressentir o que poderia acontecer a Clara.

Esta quase sentença, sentença ou promessa? será mais tarde reiterada por Clara:

*- Se nós amamos demais, meu amor, matamo-nos juntos.*

Mas Eric não estará com ela nesse momento. O amor dele tinha findado. Por isso, ela morre sozinha. A paixão de Clara e a traição de Eric tinham-na dominado totalmente. Não tenho ilusões de que o que disse sobre esta obra estará sempre muito aquém do muito que se poderá ainda continuar a dizer. Por isso, o melhor tributo que se lhe poderá prestar será lê-la e saborear cada uma das suas palavras.



17º Lagoa 2012



17º Lagoa 2012



17º Lagoa 2012



Praia da Viola, Lomba da Maia 2012

TELMO R NUNES APRESENTOU "A VOZ DA ILHA" (COM ILUSTRAÇÕES DE RUI PAIVA) DE ANABELA B FREITAS (EX-MIMOSO)



Escritor, Artista Plástico, Poeta, RUI PAIVA nasce em Moçambique em 1954, onde escreve o seu primeiro conto de ficção política, *O Fracasso* (1968) sobre o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da ex-URSS. Aos 20 anos, termina o curso de Economia em Lisboa, no ISEG onde lecciona até rumar para o Oriente. Três passagens por Macau e Hong Kong, 13 anos no seu conjunto, em

que foi responsável pelos Serviços de Economia, e quadro superior da banca internacional (BPA, BCM e Grupo Caixa). Descoberto – como artista – em 1980 por um curador chinês de Macau, participa dpis a nível nacional e internacional, em diversas colecções, participado em dezenas de exposições individuais, com destaque para Kong Kong, Macau, Ho Chi Minh no Vietname, Alentejo, Açores, Braga, Coimbra, Lisboa, e em dezenas de colectivas, em Singapura, Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Curador por 16 anos de uma das maiores colecções de arte portuguesas. Para além dos livros por si ilustrados, editou quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal:

*Desenhos 1979-1982*

*Nuvem Branca Livro de Vida e Livro de Artista*  
– Festivais Literários e Lançamentos

*FIC de Cascais, Escritaria de Penafiel, Folio de Óbidos, The Script Road* – Macau Literary Festival, Museu Nacional Soares dos Reis.

*Porto Moniz, Livro de Artista*

– Feira do Livro do Funchal e Museu Nacional Soares dos Reis.

*A Carta e o Comércio*

– Museu do Oriente.

Nascidas no Canadá, mas filhas de portuguesas, as duas irmãs viajam até à Ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da Ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

A Voz da Ilha  
Anabela B. Freitas

# A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

Ilustrações  
Rui Paiva



ISBN 978-999-153483-7

Foto de Eduardo Bettencourt Pinto



ANABELA B. FREITAS nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida no Porto, onde frequentou o Liceu Carolina Michaelis, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História

da Cultura e depois o Doutoramento em Cultura.

Atualmente reside em Vila Nova de Gaia.

Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA MIMOSO que vai desde os manuais escolares, ao conto e novela infanto-juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura. Destacam-se:

1. na ficção infanto-juvenil - *D. Bruxa Gorducha*, distinguido pela Revista *White Ravens*, em 1996; "O Arrumador", in *Contos da Cidade das Pontes*, Porto 2001; *O Tesouro do Castelo do Rei*, menção honrosa do Prémio Nacional de Ilustração, 2006; *Aquela Palavra Mar*, 2010 – PRL; *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Sanchez, João Pedro Méseder e Paco Martín – projeto Estafeta do Conto da Xunta de Galicia e Direção Regional de Cultura do Norte); *Foz Côa – Entre Céu e Rio*, 2007 (Projeto Pintar o Verde com Letras da Direção Regional de Cultura do Norte);
2. na ficção para adultos – *A Vida pela metade* (2007); *Quando nos matam os sonhos* (2012); *A Sagração do amor* (2013); *Viver sempre também cansa* (2018 - Prémio Florbela Espanca 2017);
3. nos estudos literários – *Contos Tradicionais do Povo Açoriano* (2010) PRL; *Os Congressos Pedagógicos do Ensino Secundário Oficial (1927-1931)*, em coautoria com Bento Cavadas, no âmbito do projeto de investigação "Percurso do associativismo e sindicalismo docentes em Portugal, 1890-1990", financiado pela FCT; *Rebello de Bettencourt: Raízes de Basalto*, 2014.



VILA DO PORTO 2011



VILA DO PORTO 2011



LAGOA 2009



FLORIPA 2010

BIODADOS -- colóquio da lusofonia



7º Ribeira Grande 2007



15º Macau 2011



14º Bragança 2010



15º Macau 2011

**É SÓCIA FUNDADORA DA AICL 2010-2016,  
REGRESSOU EM 2022.**

**ATUAL VICE-PRESIDENTE DA AICL COM F MADRUGA 2023-2025**

**PARTICIPOU NO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2006, 6º BRAGANÇA 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º FLORIPA, BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º OURENSE, GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014.**

**IA REGRESSAR PRESENCIALMENTE NO 37º COLÓQUIO BELMONTE QUE FOI CANCELADO. VOLTOU NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E ESTEVE NO 39º SANTA MARIA 2024**